

# Untitled

Alberson da Silva Miranda

06 de setembro de 2022

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, converso com [Barbieri and Feijó \(2013\)](#) acerca do paradigma na ciência econômica.

## 2 A ECONOMIA NA VISÃO DO PARADIGMA

Ainda em sua introdução, os autores argumentam sobre a posição da ciência econômica como ciência exata ou humana:

A primeira pergunta que surge na mente do leigo é se a economia trata-se de ciência exata ou ciência do campo das chamadas humanidades (ciências humanas). Se tivéssemos de escolher entre um enquadramento ou outro, diríamos que a economia pertence ao campo das ciências humanas. No entanto, ela ocupa uma posição especial dentre as ciências humanas: uma parte das contribuições científicas dos economistas acadêmicos utiliza-se do método das ciências exatas. Assim, pode-se afirmar seguramente que há um campo exato no âmbito das investigações feitas pelos economistas. Nem todos os estudos oferecidos pelos economistas, no entanto, afiguram-se um esforço em ciência exata. Mas uma parte importante deles, aliás, a mais expressiva, emprega os métodos matemáticos rigorosos típicos das ciências naturais exatas que têm na física o modelo central.

Esses métodos exatos teriam como objeto as normas sociais, reforçadas nas leis penais, que “englobam todo tipo de comportamento regular e padronizado, igual para todos os indivíduos dentro de um grupo”

## 3 UMA VISÃO ALTERNATIVA

A roupagem de ciência exata fornece, sem sombra de dúvidas, um criativo e elegante disfarce à ciência econômica.

Devemos nos questionar, primeiramente, se há coerência em tentar especificar um campo exato dentro de uma ciência humana como fizeram os autores. Não digo com isso que não existem, pelo menos no horizonte da experiência humana em que nos encontramos, leis no âmbito das humanidades — elas não só existem como são estudadas por filósofos, e representadas na arte<sup>1</sup>, ao longo das eras. Da maior delas, Sêneca já tratava em suas cartas a seu sogro Paulinus:

---

<sup>1</sup>Impossível esquecer o monólogo clássico de Macbeth “E todos os nossos ontens não fizeram mais que iluminar para os tolos o caminho que leva ao pó da morte.”

A maior parte dos mortais, Paulino, lamenta a maldade da Natureza, porque já nascem com a perspectiva de uma curta existência e porque os anos que lhes são dados transcorrem rápida e velozmente. De modo que, com a exceção de uns poucos, para os demais, em pleno esplendor da vida é que justamente esta os abandona. (Sêneca, 2008)

O tempo do indivíduo é restringido aos seus sempre insuficientes anos; seu lugar no universo, confinado em uma única rocha em meio à infinitude do cosmos; preso ao chão pela gravidade; cativo à superfície pelo próprio ar; refém da necessidade de consumir. E é exatamente esta última condição que a ciência econômica tem como objeto. Entretanto, esse consumo que menciono não a idéia de economia de troca que alguns teóricos colocam como ordenação natural e espontânea que independe do espaço social, da historicidade e das especificidades de cada sociedade, mas simplesmente o alimento que todo animal precisa para sobreviver. São exatamente generalizações e extrapolações como essa que são o centro da crítica ao paradigma, não a utilização da matemática em si.

Quando os autores colocam que o objeto dos métodos exatos na economia são “todo tipo de comportamento regular e padronizado, igual para todos os indivíduos dentro de um grupo”, eles falham em enxergar que há pouquíssimos desses comportamentos regulares e padronizados. O mecanismo de convergência macroeconômico é todo ancorado no microfundamento do comportamento padronizado racional.

Qualquer desenvolvimento e conclusão obtida a partir daí, seja lá o quanto complexo e matematicamente avançado o seja, estará viesada pela adoção de uma hipótese falsa.

## Referências

Barbieri, F. and Feijó, R. L. C. (2013). *Metodologia do Pensamento Econômico*. Editora Atlas.

Sêneca, L. A. (2008). *Sobre a Brevidade da Vida*. L&PM.